

3ª PARTE

POESIA

A LETRA DA PALAVRA

Sob a carne e o osso, o indelével pó,
que a nós nos impede
o desafio aos relógios, às nervuras dos mapas,
côncios de que em vão seguimos
a engrenagem das estações,
uma vez que, iludidos,
sequer guardamos notícias
da sépia das fotografias.

O que havemos? A rede de um poente
Molhada de peixes? As esquinas de um subúrbio
Em fuligem, agruras de fumaça, o desenho que a chuva
Esqueceu numa vidraça?

Um caderno havemos
Sem pautas e sem caligrafia.
Onde a palavra que é o grão da mostarda,
A casa sobre a rocha, os lírios do campo,
O sangue da aliança, a túnica inconsútil?
Onde a seda dos perfumes,
O granulado no deserto
A trilha por onde Filho do Homem triunfou,
Quando, antes, todos falharam,
Pois sabia onde o pássaro pousa e a serpente assiste?

O anátema do fruto
Espargiu por sobre nosso corpo
As terríveis pevides
A respirar até mesmo
No cerzidos das pedras.
Houve pés que singraram as espumas do mar.
Houve mãos que multiplicaram os peixes,
Que singraram os cântaros,
Abertas ao vinho em lágrimas,
Mas se recusaram a converter pedra em pão.

Joelhos houve que não se curvaram ante a serpente –
os olhos cravejados de luz.
Houve os vidros do sol, a fome, a sede,
Mas nada venceu a palavra encrustada na palavra,
A mesma que afugentou as plumas do tigre,
E outra vez o deserto onde germinaram uma faiança, um búzio,
uma flauta, um livro e a alegoria de um crânio.

A castanha do crepúsculo reveste a cidade.
O mar, em agulhas e rendas,
Abre-se às jangadas
Para onde saltarão os peixes
Movidos pelo imponderável –
A lâmina do sacrifício.

O Filho do Homem,
Que, antes, vencera os ventos e as vagas,
Além da cura dos cegos, dos leprosos,
cujos rastros riscaram o Oriente
para que os magos se prostrassem diante Dele
a quem ofereceram ouro, incenso e mirra,
agora, sob látigos,
cai de joelhos,
ante alguns olhos ignaros,
sem o lodo do remorso.
Permanecem as escararas em seus ombros
Sob o peso do madeiro?
Antes, uma mulher lavou,
Com as próprias lágrimas, os pés, que,
Vadearam as águas do amar, e,
Ajoelhada, enxugou-os com a cambraia de seus cabelos.

Dezembro, mais que um mês, é um desfolhado calendário.
Traz notícias do longe, das duas pontas do novelo.
A virgem terá no ventre um filho e o parturirá,
Este será Deus conosco. José,
Acordado do sono, cumpriu as ordens do anjo.
Após o batismo, O Filho do Homem emergiu das águas,
E os céus, abertos, fizeram chover o Espírito Santo.
O linho, sobre a mesa, são as ceias atávicas.

Recuperam-se as velas dos oratórios,
A fragrância dos cedros,
A pimenta, o sal, o açúcar advindos de uma terra afortunada,
Uma terra de fontes e de águas
Que se derramam pelos vales e pelos montes –
Uma terra que produz
Trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e mel;
Uma terra com abundância de pães,
Onde as pedras são de ferro e as montanhas de cobre.
No alpendre da face,
Os olhos perlustram o sangue no poente.
E da umbra pendoa a lâmina dos relâmpagos,
Descortinando, nas areias, as letras
Incrustadas no mistério de um pergaminho.
Eis o nosso legado: o pó sobre os tijolos de nossas duas casas.